

O RACISMO NAS LENTES DE FANON: UMA BREVE ABORDAGEM

RACISM THROUGH FANON'S LENS: A BRIEF APPROACH

Receipt of originals: 05/01/2024
Acceptance for publication: 06/27/2024

SILVANY LOPES DE SOUZA SANTOS

Graduada em Pedagogia, Graduada em História pela Universidade Fabras de Brasília
Instituição: Colégio Municipal Presidente Figueiredo Pilão Arcado Bahia
Endereço: Avenida João Ribeiro do Vale 9 - 50, Quadra 05, Centro, Pilão Arcado Bahia
E-mail: bs1926019@gmail.com.br

BRUNO FREITAS SANTOS

Mestre em Educação Inclusiva e em Educação Profissional e Tecnológica pelo IF do Sertão Pernambucano em Salgueiro Pernambuco
Instituição: Colégio Municipal Presidente Figueiredo Pilão Arcado Bahia
Endereço: Avenida João Ribeiro do Vale 9 - 50, Quadra 05, Centro, Pilão Arcado Bahia
E-mail: brunofreitas2017@outlook.com.br

HEVELIN INAVLIS DE SOUZA FREITAS

Graduando em Direito pela Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU),
Graduando em Educação Física pela Universidade Paulista (UNIP) de Petrolina Pe
Instituição: Colégio Municipal Presidente Figueiredo Pilão Arcado Bahia
Endereço: Avenida João Ribeiro do Vale 9 - 50, Quadra 05, Centro, Pilão Arcado Bahia
E-mail: bruno.santos18@estudante.ifto.edu.br

RESUMO

O presente artigo objetivou discorrer a respeito da filosofia de Fanon e sua luta pela causa negra frente ao racismo e a discriminação que foi implantada dentro da sociedade eurocêntrica. O problema de pesquisa é investigar como a presença de um resquícios de uma sociedade racista e discriminatória estão vigentes numa sociedade em que a minoria branca mantém o poder. A abordagem partiu ancorou-se numa pesquisa de levantamento bibliográfico, cuja fonte de pesquisa se deu por meio de artigos acadêmicos da área. Como resultados das discussões percebe-se a relevância de novas visões e modelos sociais de educação, que possuam um maior poder de alcance na equidade social.

Palavras-chave: Educação. Discriminação. Racismo.

ABSTRACT

This article aims to discuss Fanon's philosophy and his fight for the black cause in the face of racism and discrimination that was implemented within Eurocentric society. The research problem is to investigate how the presence of remnants of a racist and discriminatory society are present in a society in which the white minority maintains

power. The approach was based on a bibliographical survey, whose source of research was through academic articles in the area. As a result of the discussions, one can see the relevance of new visions and social models of education, which have a greater power to achieve social equity.

Keywords: Education. Discrimination. Racism.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos dentro de uma sociedade exclusivista, egocêntrica onde as raízes do racismo e a discriminação são duas armas ofensivas na relação dentro de uma luta negra desigual e injusta em busca por direitos e por igualdade racial sobre o seu destino. Enquanto essa sociedade permanecer presa em dogmas e ideologias em que uma classe/raça se considere como especial e superior, se torna imperativo contestar o conjunto de dogmas e ideologias que afetam a personalidade e a identidade negra.

O objeto de estudo, aqui denominado de racismo, que vem sendo o teor de muitas pesquisas e debates filósofos, na tentativa da construção de sociedade cada vez mais democrática, equitativa e humana. A justificativa da pesquisa, se dá pela necessidade de se aprofundar sobre esse assunto, onde ações e intervenções precisam acontecer a curto, médio e longo prazo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Exclusão, alienação, reprodução, oportunidades negadas e sonhos podados vem nos acompanhando ao longo dos anos. E numa batalha interminável para os negros, que culturalmente e historicamente foram vítimas da escravidão e da exclusão e da segregação social que tanto os afetaram.

A produção científica dos negros desses países do nosso continente tem se caracterizado pelo avanço, autonomia, inovação, diversificação e credibilidade nacional e internacional; o que nos remete a um espírito de profunda determinação, dados os obstáculos impostos pelo racismo dominante. Mas, como já disse antes, é justamente a consciência objetiva desse racismo sem disfarces e o conhecimento direto de suas práticas cruéis que despertam esse empenho, no sentido de resgate e afirmação da

humanidade e competência de todo um grupo étnico considerado “inferior” (Gonzalez, 2018, p. 74).

Ao abrir os olhos para equidade social de direitos humanos, a verdade é que ela de não fato não existe e que se vive num faz de conta de uma democracia excludente e injusta.

Frente a figura do homem negro, uma educação que se pretende democrática tende por meio da reprodução de um cenário tradicional de dominação, manipulação e exploração entender os desiguais como iguais.

Um novo cenário de reconstrução para um maior espaço com voz e vez para as populações negras é necessário compreendendo o seu valor e a sua importância para uma história marcada por lutas, sangue, ideologia e vidas que se perderam ao longo da história da humanidade.

A sociedade desigual entendida como uma conformação social caracterizada por uma desigualdade extrema e persistente e cuja intensidade ultrapassa os limites da legalidade. Ou seja, trata-se de uma desigualdade que se sustenta não apenas na questão econômica e social, mas também no acesso diferenciado aos serviços públicos e principalmente à segurança e à justiça (Theodoro, 2022, p. 17).

Por não a fio anos de opressão, medo, injustiças, criminalidades e escravidão. Nasce a necessidade incessante de combater esse repetitivo ciclo vicioso em pleno século XXI, da segregação, da dominação, a negligência e o descaso social contra os povos negros e toda a sua negritude.

Fanon (2008), mais especificamente *Pele Negra, Máscaras Brancas* se constitui num universo riquíssimo de possibilidades interpretativas, que ainda precisam ser cuidadosamente descritos. Em suas obra, Fanon parte de sua experiência pessoal no contexto da França para construir um desenho das violências (em todos os seus aspectos) e que até os dias atuais estão escancarados e mascarados em algumas realidades sociais. Fanon diz:

“Há na Martinica duzentos brancos que se julgam superiores a trezentos mil elementos de cor. Na África do Sul devem existir dois milhões de brancos para aproximadamente treze milhões de nativos, e nunca passou pela cabeça de nenhum nativo sentir-se superior a nenhum branco.” (Fanon, , 2008, p 89. 5)

A luta pela emancipação humana, principalmente das pessoas de pele negra que foram condenadas por uma sociedade tipicamente branca, tida como superior e privilegiada. As mazelas das sociedades de ontem, de hoje e de amanhã sempre continuaram a existir, mas se faz necessário dar as estratégias e os recursos necessários para que esse povos lutem com força e garra contra todo esse sistema alienante e alienador, em que estamos inseridos voluntariamente ou involuntariamente.

“Pessoas vistas como objetos de exploração, descaracterizadas da condição de humanidade, vitimadas pela falta de comiserção, alteridade e empatia: tudo isso se incorporou ao ideário de funcionamento da nação [...]” (Theodoro, 2022, p. 281).

Uma sociedade que é composta de inúmeras contradições sociais do nosso tempo, e toda as suas complexidades em mundo controverso com inúmeras possibilidades e visões de mundo. O negro precisa de valorização e de reconhecimento social, frente a sua própria história, que foi construída de forma sofrida, mas repleta de superação e de conquistas.

A luta antirracista e anticolonial ainda continua e existe, só que com novos cenários e novas mascaras que foram construídas ao longo dos anos. Desse modo o racismo e a discriminação, seja ela qual for é um câncer corrosivo dentro de uma sociedade. Na qual, revelam, feridas históricas e culturais que ainda nos afetam diretamente ou indiretamente em uma sociedade egoísta e hipócrita.

O tamanho e a dimensão de uma sociedade preconceituosa e discriminatória. Um problema, que em todas as temporalidades afetava o físico e o emocional, deixando feridas e inúmeras cicatrizes ao longo dos anos.

“O mercado de trabalho reproduz e potencializa desigualdades, servindo como um dos principais motores desse processo que secularmente afeta o Brasil. Um mercado de trabalho cuja origem tem o gene da relação primeira entre escravizados e homens livres, antes mesmo de sua consolidação como núcleo do sistema produtivo” (Theodoro, 2022, p. 96).

No espelho da vida real, ainda enxergamos reflexos de uma sociedade adoecida mentalmente e fisicamente quando se fala de racismo e de discriminação social e racial, onde os indivíduos conseguem, ver realmente as feridas históricas e

culturas do racismo e do preconceito, algumas já cicatrizadas e outras ainda abertas. Em nome e a favor da luta pela e para a independência de seu país e pela luta abolicionistas muitos se levantaram e se destacaram nas páginas da história em especial, Fanon (2008) que traz consigo um grito sufocado de liberdade, de emancipação e de sonhos. E que hoje se faz tão necessário e urgente dentro de uma sociedade de poucos e para poucos. Tal problema, se repete de forma desumana e cruel em vários dos nossos cenários.

As armas contra uma sociedade anticoloniais em uma sociedade segregada, não é uma tarefa fácil, o que até hoje se repete de forma desumana e covarde com os mais fragilizados, como um ciclo vicioso que deixa rastro de destruição e marcas profundas.

O preconceito naturaliza o quadro de iniquidade no mercado de trabalho. As diferenças de oportunidade e de rendimentos entre negros e brancos ou a ausência de afrodescendentes em postos de comando e direção das empresas não são objetos de estranhamento, não são percebidas como algo incomum ou pernicioso (Theodoro, 2022, p. 169).

Ao falar de Pele negra, que se vestem com máscaras brancas é uma problemática, que ainda podem trazer uma série de tabus e de quebra dos mesmos. No entanto, a necessidade dos movimentos de uma luta antirracista é necessária para que as crianças de hoje, não se tornem adultos racistas e discriminatórios consigo mesmos e com os demais dentro de uma sociedade.

Sentimentos, emoções, capacidades, competências e habilidades devem ser desenvolvidas dentro da formação de uma criança que nasce. Dentro de uma sociedade com tantos problemas que nos afetam diretamente.

A violência que exclui, que magoa o físico e emocional dos indivíduos está presente em todos os aspectos da vida sociedade. Dessa forma é necessário se traçar políticas públicas que visem o combate ou a amenização de tais situações problemas.

A luta incansável pela conquista dos Negros dentro de uma sociedade que não foi feita pra eles é necessária. Em nome da liberdade e por autonomia de uma figura tá relevante para um país miscigenado como o Brasil.

A pirâmide social, como é descrita a estrutura da sociedade brasileira, expressa muito bem a manutenção das hierarquias raciais existentes desde o período escravista, conforme apresentada com base na perspectiva da colonialidade do poder (Figueiredo; Grosfoguel, 2009, p. 224).

Muitas outras inúmeras questões sociais, estão englobadas dentro dessa temática, que acaba sendo o fio condutor de várias outras problemáticas como o feminismo da mulher negra, que sempre forma vitimizadas por tantos abusos físicos e emocionais. Tais questões, sejam elas vistas como pequenas ou grande são de tamanha relevância para todos os cenários e contextos sociais, em que vivemos.

Episódios de racismo e de discriminação dentro do cotidiano, se repete a cada instante e se percebe, que não há as devidas intervenções para amenizar esse cenário de violência e de descaso social, que atinge diretamente a todos. Nos moldes de uma sociedade manipulada, alienadora e alienante nem sempre não há, espaço para uma liberdade, diálogo democrática de fato. Davis (2011) :

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.

A questão do racismo e da discriminação do negro, é ainda um grave problema, que afeta a todos levando a maioria das pessoas de pele negra a um destino de discriminação e de racismo frente, a uma sociedade tida e considerada como branca e privilegiada socialmente. As realidades econômicas e sociais são muito mais obscuras e acabam contribuindo para um cenário caótico, e que propicia o crescimento e desenvolvimento dessas situações problemas.

“O racismo camuflado é traiçoeiro: não se sabe exatamente de onde vêm. Tanto pode se manifestar nos regimes autoritários quanto nos democráticos” (CARNEIRO, 1997, p.07).

Historicamente e culturalmente o complexo de inferioridade, é um sentimento ainda, que impera em parte da população que é negra, gerando cada vez mais preconceito e discriminação, que se resulta nos mais diversos tipos de violência. E

que precisaria de atendimento especializado para essas situações, que são tão urgente e agravantes para a construção da dignidade da pessoa humana.

Os reflexos de uma civilização europeia impõe o tempo todo uma série de modismo, e que culturalmente está muito enraizado a ideia de embraquecimento, e que o homem branco sempre foi visto com maiores e melhores privilégios sociais, e que na verdade se tratando de Brasil, não existe nenhum indivíduo puramente branco.

A população negra não pode mais viver sob os porões da rejeição e da exclusão social em muitos aspectos, que são tão reais e ao mesmo tempo ofensivos.

A educação não se restringe à aquisição da escrita, menos ainda ao saber exclusivamente escolar. [...]. Os negros brasileiros aprenderam a lutar contra o preconceito e a discriminação raciais, incluindo em seu ideário reivindicações que visavam romper com o abandono exigindo direitos sociais e iguais oportunidades de educação e trabalho. [...] No ideário de luta dos negros brasileiros a educação sempre ocupou lugar de destaque: ora vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho; ora, como veículo de ascensão social e, por conseguinte de integração; ora como instrumento de conscientização por meio do qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura de seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direito à diferença e respeito humano. (GONÇALVES, 2000, p. 335– 337).

Historicamente o racismo colonial é responsável por uma série de problemas, que temos na nossa sociedade, e que afeta não só o físico, mais também o emocional daqueles, que sofrem e vivenciam na pele esse tipo de violência, que muitos casos é silenciosa e dolorosa, com marcas profundas.

O peso e as barreiras do racismo e da discriminação são grandes muralhas difíceis de serem quebradas e contornadas.

Junto com a discriminação e com o racismo nasce também o sentimento de inferioridade, e uma sensação de inexistência e de impotências, frente a tais realidades que são vividas, o que torna muitos invisíveis socialmente falando. Uma realidade, que precisa ser paulatinamente transformada. Porque no Brasil o branco, o mulato, o pardo, o mameluco também é negro uma vez que, somos um país miscigenado.

O imigrantismo propunha não somente a troca do negro pelo branco nos 'setores fundamentais da produção', como também arquitetava um projeto de

regeneração e capacitação para o trabalho, cujo instrumento era a miscigenação, de que se esperava o desejado branqueamento moralizador das populações negras (CARVALHO, 1989 p. 36)

As sociedades sempre sofreram uma espécie de metamorfose em vários aspectos e sentido, porém no requisito racismo e discriminação, ainda há muitos retrocessos, que precisam abrir espaço para o respeito mútuo da pessoa humana. Na ditadura do colonialismo, as algemas do racismo e da discriminação eram difíceis de serem quebradas, mas hoje em meio a tantas conquistas é necessário a quebra de todo esse sistema que nos aprisiona e torna as pessoas reféns dentro de uma camisa-de-força que é o racismo e a discriminação social e racial.

A lei do mais forte e daquele que detinha algum poder econômico sempre foi o peso maior na balança de uma sociedade corrompida e alienadora. Mas que agora é necessário pensar e repesar naqueles que precisam de atenção, de defesa e de reconhecimento social, frente as inúmeras violências que aqui se vestem na forma de algum tipo de preconceito ou de discriminação. Segundo Clóvis Moura:

O racismo brasileiro [...] na sua estratégia e nas suas táticas age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz, é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente nos seus objetivos. [...] não podemos ter democracia racial em um país onde não se tem plena e completa democracia social, política, econômica, social e cultural. (MOURA, 1994, p.160).

Apagar as diferenças pode até ser um sonho utópico de muitos idealizadores, sejam eles conhecidos ou anônimos, que ganharam as páginas da história, mas a convivências com as diferenças precisam existir de forma harmoniosa e respeitosa.

A cultura por se só é uma arma violenta imposta a todos os momentos. Mesmo diante de todo esse cenário é necessário traçar e buscar as possíveis soluções para amenizar tais entraves sociais, que tanto afetam todas as dimensões da sociedade.

O racismo é definido por diferente óticas e interpretações, podendo ganhar novas subdivisões com por exemplo o racismo institucional que é compreendido como resultado do funcionamento das instituições, que estão pautadas nas veias racistas e discriminatórias.

A liberdade não garantiu condições dignas de vida e a lógica da exploração escravagista encontrou muitas formas de continuidade: "não há o que discutir

sobre nossa forma de lidar tanto com a escravidão como com o racismo: suavizamos a primeira e negamos o segundo" (FLAUZINA, 2008, p. 47).

Uma sociedade repleta de desvantagens e privilégios com base na raça, na condição social e econômica. O racismo pode ter formas diferentes e alterada pela ação ou omissão dos poderes institucionais, como o Estado, escola, polícia, etc.

Acerca da violência política e econômica duas importantes molas que sustentava os pilares de toda uma sociedade. Precisa abrir espaço para a bandeira da luta anticolonial, que a séculos vinha se perpetuando na forma de dominação e de exploração. mas que agora é preciso acabar com esse tipo de violência e de dominação, uma vez que nascemos livres fisicamente e espiritualmente.

A desigualdade social tem cor. Ela deriva, principalmente, "da forte concentração de renda no segmento mais rico da sociedade [...]. Os negros frequentam a riqueza do país, mas são participantes minoritários. Os brancos são mais ricos e mais desiguais. Os negros, mais iguais e mais pobres" (HENRIQUES, 2001, p. 49).

A cultura e os comportamentos motores e mentais sempre foram construídos dentro de uma natureza discriminatória. Assim o racismo é de fato um elemento cultural, que está enraizado nas culturas e na educação da humanidade.

O racismo cultural é uma forma de opressão sistematizada de um povo, e que a própria constituição federal como carta magna de maior poder, acaba sendo alto racista e alto discriminatória.

Os grandes estragos do racismo e da discriminação estão presentes nos valores culturais de toda uma existência humana .Ao mergulhar nesse tipo de cultura imposta, como a dominante, se perdeu muitos valores e muito da essência de humanidade e de afetividade. Diante disso, encontra-se diante de uma sociedade da manipulação de uma aparente democracia, que na verdade se configura numa e desigualdade de direitos injusta , que gera a supressão dos dispositivos opressores de toda uma sociedade.

É indissociável que "há 53 milhões de pobres e, desses, 22 milhões são indigentes. 65% e 70%, respectivamente, desses pobres e indigentes são pessoas negras" (CARNEIRO, 2003, p.1)

As lutas de libertação por uma sociedade equitativa são desafios utópicos, mas que precisa existir e acontecer em sua plenitude. A semente do racismo e da discriminação, precisa abrir espaço para a resiliência e para o diálogo recheado pelo respeito mútuo a todas as cores.

Tal cenário caótico de desprezo e de negligências sociais contra os negros precisa ser agora pontes de conexão para o diálogo e do respeito. Assim, os antigos opressores do racismo e da discriminação não podem, reaparecer com uma nova roupagem, uma nova maquiagem, mas deixar de existir para os indivíduos se vejam e comportem de igual para igual. O preconceito racial pode manifestar-se de várias maneiras, incluindo:

Estereótipos raciais: Isso envolve a criação de generalizações negativas ou positivas sobre pessoas de determinada raça ou etnia, sem levar em consideração suas características individuais. Discriminação racial: Isso ocorre quando pessoas são tratadas de maneira desigual ou injusta com base em sua raça ou etnia. Pode envolver negação de oportunidades de emprego, educação, moradia ou outros serviços com base em sua identidade racial. Viés racial: Refere-se a preferências inconscientes ou preconceitos sutis em relação a pessoas de determinadas raças ou etnias, que podem afetar as decisões e comportamentos cotidianos. Racismo institucional: Isso ocorre quando políticas, práticas ou sistemas em uma sociedade ou instituição contribuem para a discriminação racial de forma sistêmica. Isso pode ocorrer em áreas como justiça criminal, saúde, educação e habitação. Racismo internalizado: Algumas pessoas de grupos racialmente marginalizados podem internalizar os estereótipos e preconceitos raciais, o que pode levar a uma autoimagem negativa e autodiscriminação. (RODRIGUES et al., 2022, p. 18).

Os dominadores do Estado, enquanto poder capitalistas sempre forma os grandes vilões dentro de uma história marcada por inúmeras situações ofensivas e graves como por exemplo, ver os negros como animais selvagens de trabalho braçal. Um processo histórico de dominação colonial que escraviza e segrega os indivíduos, de uma forma covarde e desumana.

As lutas pela independência, pela emancipação social e pela equidade de direitos são fatos marcantes em todas as páginas da história da humanidade e não podem deixar de existir nunca.

As disputas pelo poder e diversas formas de exploração sempre existiram, mas que agora precisam ser pautadas pelo sentimento de respeito, dignidade e respeito à pessoa humana. Mesmo num contexto diverso de realidades e situações

contraditórias e adversas é preciso se pensar na valorização e no reconhecimento das pessoa humana.

Um ciclo vicioso de violências, de críticas e de muitos exageros, precisam ser combatidos com maior rigor, para que as fronteiras do racismo e os muros da discriminação, sejam quebrados e que novos não sejam mais construídos.

Enquanto os problemas da discriminação e do racismo continuarem de pé, haverá sempre algum tipo de exploração e de alienação dentro de uma sociedade informatizada, antirracista e violenta que está todos os dias em estatísticas e dados oficiais.

Os negros continuaram sendo grupos de resistência e de lutas travadas todos os dias, em nome dos direitos sociais, que lhes pertencem e para que novas atrocidades sociais, não sejam mais cometidas de forma desumana e covarde.

I - discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada; II - desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica; III - desigualdade de gênero e raça: assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais. (BRASIL, 2010).

Ao longo dos tempos as condições de liberdade e igualdade de ideais, nem sempre foram as mais propícias e nem as mais favoráveis, sendo necessário muitas lutas e um árduo trabalho para se almeja as reais conquistas, que se sonhava para um presente bem mais próximo e efetivo.

Ao longo da história da humanidade é alarmante, quando se contabiliza os problemas referente a violência e a intolerância racial, isso ganha novas proporções e estatísticas reais, quando se fala dos casos anônimos dentro da percurso histórico.

Realidades de muitos sofrimentos com os desmandos e com as mazelas de uma sociedade violenta e cruel com os mais fragilizados e vulneráveis socialmente, dentre eles os povos negros.

Um perfil de sociedade antirracista, de classe e de gênero precisa existir para que as futuras gerações sejam menos racistas e mais tolerantes em todas as relações sociais. Assim a sociedade não pode ser constituída apenas para poucos, onde uma pequena minoria detém dos melhores privilégios e das regalias, enquanto os demais sofrem as margens da exclusão social.

Vejamos mais claramente essa ideia nas palavras do autor:

“(...) fazendo apelo à humanidade, ao sentimento de dignidade, ao amor, à caridade, seria fácil provar ou forçar a admissão de que o negro é igual ao branco. Mas nosso objetivo é outro. O que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial.”(Fanon, 1966, p. 858).

A discriminação racial se dá por ns questões e fatores sociais. Historicamente, o mundo antigo e atual tem sido dominado por um pequeno grupo social e que através desse poder acabam manipulando e explorando os demais.

É nesse mundo com tantas extremidades, que se retrata as questões dos conflitos sociais de hoje, de ontem e se não houver uma reeducação de valores e de princípios na defesa e na proteção dos negros, os mesmos problemas, irão repercutir no amanhã bem próximo.

[...] para garantir a reprodução da sociedade escravista brasileira no tempo, fundada na introdução incessante de estrangeiros, era fundamental criar mecanismos de segurança que pudessem evitar um quadro social tenso como o do Caribe inglês e francês ou mesmo o de Pernambuco no século XVII. A libertação gradativa dos descendentes dos africanos escravizados — não mais estrangeiros, mas sim brasileiros — constituiu o principal desses meios[...] (MARQUESE, 2006, p. 118).

Se falam de uma democracia, que na verdade não existe. E enquanto, houver a divisão social do trabalho da classe trabalhadora, sempre haverá espaço para o racismo e para a discriminação seja ela qual for.

O pensamento de uma elite privilegiada e da mão de obra na forma de braço-de-força e de resistência não pode existir mais, uma vez que se prega direitos e deveres iguais frente aos documentos oficiais, que regem o país como um fantoche nas mãos dos homens brancos e tidos como poderosos economicamente falando. Outros dois crimes tipificados na Lei 7.716:

- Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional: reclusão de um a três anos e multa; - Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada para fins de divulgação do nazismo: reclusão de dois a cinco anos e multa. (BRASIL, 2023)

É em meio as a dicotomias sociais em que as relações entre o brancos e negro-colonizados ou não se desenrolam. Sempre marcada por conflitos, sendo necessário a construir sua identidade do respeito e do dialogo mutuo frente a figura da pessoa negra.

a questão racial de maneira peculiar, não se resolve do dia pra noite é necessário um processo de lapidação dos indivíduos para que a sociedade do hoje se converta em pessoas com interpretações e visões diferenciadas no futuro.

interesses e valores sociais da 'raça dominante precisam abrir espaço para o dialogo e para resiliência, nunca pautados apenas em leis denunciativas e de penalidades, mas de educação e reeducação que deve começar desde o útero materno e se perpetuar por todas as fases e ciclos da vida humana.O racismo, segundo Lima; Vala (2004, p. 402)

constitui-se um “processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada) [...]”. O racismo é uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grupos chamados raças contrastadas que presume a existência de raças superiores e inferiores.

Mesmo em meio a crise de identidade, em meio a toda essa condução ideológica de modismo e de violência que é imposta todos os dias por todos os meio de comunicação e de interação é possível construir pontes e estabelecer paredes do respeito e do dialogo.

A formação à alienação e da reprodução de valores e de princípios destorcidos precisa abri espaços para a janela da valorização e do reconhecimento da pessoa humana, seja ele negra, branca, parda ou amarela.

Em favor de uma luta árdua e constante contra o racismo, contra a intolerância e contra a discriminação é necessário um conjunto de ações e de intervenções que devem caminhar em harmonia e sintonia com várias outras.

Para que as futuras gerações construam e levantem a bandeira da igualdade, da liberdade e da equidade da pessoa negra é preciso semear hoje a semente do respeito e do diálogo, mesmo frente a tantas trajetórias de lutas e de resistências.

As pessoas têm direito a ser iguais, mas na prática as diferenças se tornam barreiras sociais quando são vistas e interpretadas sob outro viés. A cultura negro-africana, em especial no Brasil tem um peso de muitos quilates, uma vez que a formação desse povo se dá por esse processo de miscigenação. De forma dramática e poética Fanon (2008) diz que a liberdade do negro em um sentido mais amplo era um sonho utópico, mediante ao contexto social e as condições daquela época.

Valores éticos e morais destorcidos sempre nos acompanharam ao longo da história da humanidade. Os colonizados sempre viveram dentro de uma cultura alienada e alienadora, onde a dimensão universal era pautada no princípio da exploração e da dominação de pessoas uma cultura de manifestação e de consciências cauterizadas e alienadas mundialmente.

[...] os negros não só haviam se rebelado contra a escravidão na última década do século XVIII e proclamado sua independência em 1804, como também – sob direção de Toussaint L'Ouverture – colocavam em prática os grandes princípios da Revolução Francesa, o que acarretou transtornos fatais para muitos senhores de escravos, suas famílias e propriedades[...] (SANTOS 2007, p. 61).

Desse modo é exercido um “despotismo descentralizado” capaz de exercer o controle das populações nativas, tornando as mesmas escravas de determinados contextos e realidades sociais, difíceis de serem intervindas e contornadas.

A universalidade de direitos humanos para todos, infelizmente só existe nos discursos poéticos e estamos muito longe de alcançar tal proeza, mas lutar é preciso e é necessário para as possíveis transformações sociais.

A construção de uma sociedade mais humana e justa deveria ser uma prioridade. Assim, ele prioriza a construção de uma “consciência nacional” pautada na valorização dos indivíduos independentemente de sua cor ou classe social, sem a presença história, cultura e tradição de conceitos alicerçados no racismo, na segregação e na exclusão social.

Opressão sempre foi amola que impulsionava palco da economia, mas que precisa ser apenas vestígios de um passado bem distante onde as paginas a serem reescritas será sob a perspectiva da liberdade e da equidade social e racial.

A análise da produção discursiva da elite intelectual brasileira, do fim do século XIX ao meado deste, deixa claro que se desenvolveu um modelo racista universalista. Ele se caracteriza pela busca de assimilação dos membros dos grupos étnico-raciais diferentes na “raça” e na cultura do segmento étnico dominante da sociedade. Esse modelo supõe a negação absoluta da diferença, ou seja, uma avaliação negativa de qualquer diferença e sugere no limite um ideal implícito de homogeneidade que deveria se realizar pela miscigenação e pela assimilação cultural. A mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria entre outras consequências a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio (MUNANGA, 1999, p. 110).

Uma sociedade egoísta, exploradora e alienada precisa ser construída sob o viés da igualdade e equidade social, onde os homens e mulheres negras não são amis visoto com o um objeto, ou uma máquina de trabalho. Uma violência, que hoje precisa ser combatida com maior vigor, respeito e urgência.

O primeiro, que a discriminação racial e o preconceito passassem a ser crimes previstos em lei. O segundo, que se criasse um sistema nacional de bolsas de estudos para estudantes negros nas universidades e no ensino secundário. A Convenção produziu um documento intitulado: “Manifesto à Nação Brasileira” que notabilizou-se porque pela primeira vez, no país, se reivindicava que o preconceito de cor e a discriminação racial fossem considerados crimes (SILVA, 2005, p. 2).

A era da inclusão precisa existir para que a exclusão deixe de existir. Uma luta que deve ser de todos, mesmo com tantos pós, contra e ideologias do contra. Exploração, torturas, racismo, liquidações coletivas, opressão racional precisam ser substituídas pelos sentimentos de superação e de igualdade entre os indivíduos independentem-te da cor, religiões ou condição social.

[...] a produção social do resultado do branqueamento no Brasil, cujo pressuposto básico seria a inexistência de negros após várias gerações, ou que o processo depurador do mestiço permitiria sua aproximação ao molde branco, fundamenta também a ideia tanto da mestiçagem como da democracia racial brasileira ou de uma sociedade isenta de conflito racial e de racismo (SANTOS, S. P., 2014, p. 177).

O racismo e a discriminação sendo combatidos haverá aniquilação das diferentes formas de corrupção e de alienação. O racismo, seja ele qual for não é apenas não implica apenas uma forma de exclusão de uma raça é um ato desumano e covarde contra a dignidade da pessoa humana.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto aqui, buscou-se refletir acerca da temática, onde é possível perceber a importância dos negros e as sua luta frente a independência e luta por direitos frente a tantos vilões e vilãs como o modelo de uma sociedade, que se firma no tripé da manipulação, dominação e escravidão .

As diferenças e as desigualdades são gigantescas, e se tratando de cor de pele isso maiores e piores proporções frente ao tipo de sociedade, que temos. A formação das elites excludentes, racistas e discriminadoras sempre esteve no topo dos mandos e dos desmandos. Em todas as temporalidades, e sempre houve a divisão social do trabalho entre trabalho braçal e trabalho intelectual, entre da educação privada com a pública, ficando as margens da precariedade social os negros e os pobres.

A história da humanidade sempre foi marcada, por um modelo de sociedade e de educação voltada para os interesses do modo de produção capitalista, da dominação e da escravidão de pessoas vistas em muitas ocasiões como bestas de cargas, moldada aos interesses da elite, que busca o enriquecimento e que escraviza e segrega os indivíduos.

A construção de uma educação e de uma escola democrática e uma sociedade acessível e equitativa aos mais vulneráveis. Assim, é necessário se pensar num modelo de sociedade que educacional, que quebre as fronteiras da exploração e da segregação social e que vise alcançar o respeito a figura do homem negro.

Desse modo deve se pensar numa ação e numa intervenção essencial e radical que rompam com esse caráter conservador e reprodutor de sociedade exclusivamente branca e que historicamente, vem escravizando e dominado os mais fragilizados, que tanto sofre em meio a situações adversas e contraditórias dentro de uma sociedade de poucos e par a poucos.

REFERENCIAS

- BRASIL. Decreto nº 4.886, de 20 de novembro de 2003. Institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial - PNPIR e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4886.htm. Acesso em: 27 ago. 2024.
- CARNEIRO, S. Ideologia tortuosa. Revista Caros Amigos Ano III, no. 35, fevereiro de 2000. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/reportagens_entrevistas.asp?especial=16&materia=71>. Acesso em: 07 jul. 2024.
- CARVALHO, Marta M. Chagas. A escola e a República. 1ª ed. S.P.: Ed. Brasiliense, 1989. Coleção tudo é História.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O racismo na História do Brasil – Mito e realidade. 5ª Edição. São Paulo: Ed. Ática. 1997.
- GONÇALVES, Luís Alberto de Oliveira. Negros e educação no Brasil. In: LOPES, Eliana Lima Teixeira, (org.) 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: 2000, Ed. Autêntica. P.335 a 346.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe São Paulo: Boitempo, 2016.
- FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008
- FAUSTO, B. História do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- FLAUZINA, A. L. P. Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- FIGUEIREDO, Angela; GROSGOUEL, Ramón. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 223-233, jun./dez. 2009.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia. Primavera para rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana; Filhos da África, 2018. p. 321-334. (Publicado originalmente em Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92-93, p. 69-82, jan./jun. 1988.)
- GONÇALVES, L. A. Reflexão sobre a particularidade cultural na educação de crianças negras. In: ROSEMBERG, Fulvia; PINTO, Regina Pahim (org). Raça Negra e Educação. São Paulo: Nov/1987, Cadernos de Pesquisa nº 63.p. 27 a 30

HENRIQUES, R. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. texto para discussão n. 807. IPEA, 2001, Disponível em <http://www.ipea.gov.br/pub/td/2001/td_0807.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2024.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estud. Psicol.* Vol.9 nº3. Natal Sep/Dec 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 74, p. 107- 123, Mar. 2006. Disponível em . acesso 01 Jan. 2024. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000100007>.

MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999

RODRIGUES, Weslen Chaves; MARCELINO, Madeleine Reinert; ARANTES, Ana; CHAMEI, Nassim Elias. Preconceito racial entre universitários: implicações sobre o uso do FAST no estudo da aprendizagem verbal. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 13(2), 054–069; 2022.

SANTOS, S. A. A Lei n. 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro. In: BRASIL. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03. Brasília, DF: SECADI [Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade], 2005. (Coleção Educação para Todos.)

SANTOS, S. A. Movimentos negros, educação e ações afirmativas. 2007. 554 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

SILVA, J. Movimento social negro após o estado novo: grupos, conferências e jornais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais [...]. Londrina: ANPUD, 2005.

SCHWARCZ, L. M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

THEODORO, Mário. Sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.